



## QUAL É A NATUREZA DA CONTRADIÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE BURGUESA?

FRANCO, Glauber<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este é um artigo da minha pesquisa em andamento, a qual tem o objetivo central de compreender a natureza da contradição na modernidade burguesa. Nisto, tenho que Giannotti (2010) apresenta uma leitura wittgensteiniana de Karl Marx que provoca uma inflexão no debate. Para o autor as categorias do capital são determinações do pensamento, que, por ser uma sintaxe gramatical do capital, manifestaria a contradição inscrita como expressão. Assim, provocando a questão: a contradição na modernidade burguesa existe só na Linguagem (discurso) e na Lógica (proposição), ou existe na própria Realidade Social (no Ser Social em si)? Para tanto, a pesquisa se orienta a partir do método marxiano, sendo essencialmente bibliográfica e qualitativa, de três tipos: contextualizadora, debatedora e técnica. Já se conclui parcialmente que dada a tradição hegeliana de superação de dualidades como objetividade/subjetividade, é possível a contradição transitar entre a própria coisa objetiva e em discursos e proposições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contradição; Trabalho; Lógica.

### INTRODUÇÃO

Objetivo neste artigo apresentar aspectos da minha pesquisa em andamento, que tem a contradição na contemporaneidade burguesa como objeto de pesquisa central.

No estudo sobre a contradição, para Cirne-Lima (1993), em geral, Dialéticos, de tradição heraclitiana e platônica, tendem a suportar a contradição, ao passo que Analíticos, de tradição parmenidiana e aristotélica, tendem a defender mais o Princípio da Não-Contradição. O autor definiria esta divisão como “a Grande Confusão”, já que não se comunicam por conta disso.

Esta tendência geral, pouco unânime, persistiria na modernidade, em uma das suas ramificações, no que Tonet (2013) divide em Gnosiológicos (o conhecimento como objeto central de estudo) e Ontológicos (o ser como objeto central de estudo) – o “como?” e “o que?”. Os Gnosiológicos não enfrentam perguntas acerca da produção do “ser do conhecimento”, portanto não se contingencia a contradição no próprio Ser; diferentemente dos Ontológicos, que têm “o ser como partida primordial” anterior ao conhecimento, portanto contingenciando a contradição. Transitando, assim, a contradição entre uma questão gnosiológica ou ontológica.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia na Universidade Federal de Alagoas. glaubereb@outlook.com.



Tais remificações surgem na moderna “decadência ideológica burguesa” (LUKÁCS, 2015) ) em um novo contorno com marco no pós- virada linguística sobre a contradição na Linguagem, Lógica e Trabalho, em que, um dos representantes atuais desse panorama é Giannotti (2010), apresentando uma leitura wittgensteiniana de Marx que provoca uma inflexão no debate contemporâneo.

Desta maneira, a pesquisa em andamento têm que mesmo surgindo cada vez mais na modernidade lógicas não-clássicas alternativas à Analítica clássica, como, por exemplo, propostas Dialéticas, que tendem a suportar mais a contradição, esta ainda é um forte problema enfrentado pelo Princípio da Explosão (trivial e inconsistente), isto é, o Princípio que diz que se se aceita a contradição, logo qualquer conclusão pode se seguir.

Na contemporaneidade, torna-se uma tentativa de manter a contradição em Analítica de alternativa não-clássica o enfraquecimento do poder de destruição da contradição em operadores lógicos, tal como variações de contradição e contrariedade (variando a contradição, a qual se um pólo é verdadeiro, o outro é falso, e é impossível que ambos sejam falsos, por contrariedade, a qual é possível tese e antítese serem falsas), ou tal como a duplicação de sujeitos e predicados (em meio a uma contradição, a duplicação do sujeito ou do predicado desata a contradição e a resolve, isto é, se rearranja os pressupostos propositivos). Já o Trabalho em Marx, que rompe totalmente com a Analítica, tem a contradição em Hegel como Princípio (Auto)Movente pelo materialismo histórico-dialético e pela totalidade concreta.

Em meio a isso, um dos representantes atuais desse panorama é Arthur Giannotti, apresentando uma leitura de Marx por Wittgenstein que provoca uma inflexão no debate contemporâneo da contradição, dialogando o materialismo histórico-dialético marxiano e a lógica e linguagem wittgensteiniana.

Nesse sentido, é uma pesquisa relevante porque se a contradição é meramente um problema lógico (propositivo, bastando ajeitar as proposições) e da linguagem (entes discursos, bastando alternar os jogos de linguagem), se resolvida a proposição (na duplicação de sujeitos e predicados, por exemplo) ou os entes discursivos (na discussão intersubjetiva, por exemplo), resolve-se a contradição, não sendo preciso lutas sociais de transformação na própria Realidade Social (Ser Social em si) de características burguesas. Não é à toa que muitas pesquisas passam pelo escrutínio desse problema: um ente discurso, lógico-formal ou próprio da coisa (do Ser em si)?

Diante disso, constrói-se a pergunta central: qual é a natureza da contradição na contemporaneidade burguesa? No objetivo central, portanto, de compreender esta contradição. Tendo um dos objetivos específicos o de apreender a literatura em particular de



Arthur Giannotti e em geral de Marx e Wittgenstein no debate da contradição entre Lógica, Linguagem e Trabalho.

## DISCUSSÃO E REVISÃO DA LITERATURA

É possível dizer que o rompimento do filósofo alemão Friedrich Hegel com o problema de Heráclito-Parmênides e Aristóteles-Platão inaugura de certa maneira e em sua dada medida a modernidade burguesa no estudo da contradição, tendo Karl Marx um momento de reviravolta. Pois, o filósofo alemão, “À universal validade lógico-semântica do Princípio de Não-Contradição ele contrapõe a validade lógico-ontológica da Contradição como Princípio do Movimento” (CIRNE-LIMA, 1993, p. 13).

Para Konder (2008), a Dialética, em seu sentido moderno, surge com Heráclito e Platão como “o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (KONDER, 2008, p. 7-8). O que seria um marco diferente do sentido aristotélico, que é tratado como a “arte do diálogo”, tendo Zênon de Eleia (aprox. 490-430 a.C.) e Sócrates (469-399 a.C.) seus fundadores (KONDER, 2008). Dividindo-se, pois, segundo Chauí (1999), a dialética em Heráclito e Platão como um “modo de conhecer”, e a dialética em Parmênides e Aristóteles como “instrumento para o conhecer” (CHAUÍ, 1999, p. 200-203).

Para Cirne-Lima (1993), entre Analíticos e Dialéticos, o projeto aristotélico da Analítica é mediado na Modernidade por Descartes, Leibniz, Kant, Frege, Wittgenstein e pela Filosofia Analítica que surge modernamente desta linha. Já o projeto platônico é mediado na Modernidade por Espinosa, Schelling, Hegel e Karl Marx.

Nesse sentido, o contexto moderno de “decadência ideológica burguesa” (irracional, agnóstica, fragmentada e apologética) (LUKÁCS, 2015) emerge o fenômeno do debate contemporâneo entre Linguagem (que sob o signo da palavra, é a matéria estática sobre a qual a lógica-analítica-linguística alça), em especial com Wittgenstein, e Trabalho (como categoria fundante do Ser Social em si, meio de humanização), a partir de Karl Marx.

Neste contexto, na linha marxista, a contradição é a essência capitalista, modo de Ser Social contemporâneo, contida na própria mercadoria (própria coisa), entre valor de uso e valor de troca e entre produção socializada e apropriação privada (NETTO; BRAZ, 2012), assim, faz-se uma defesa da Contradição como Princípio do Movimento. Em contraste com Analíticos (da Linguagem e da Lógica), de tradição aristotélica, que tendem a defender o Princípio da Não-Contradição, ou seja, de não ser “possível para uma mesma coisa, ao



mesmo tempo, pertencer e não pertencer à mesma coisa e sob o mesmo aspecto” (ARISTÓTELES, 1984, p. 19-20).

Nesse contexto de decadência burguesa, além de toda a rica crítica lukacsiana, acirra-se um movimento reconhecido no marxismo de “ontologização da Linguagem pela desontologização do Trabalho” (ANTUNES, 2006), sobretudo a partir da virada linguística, a qual se explicita a linguagem natural e formal na discussão filosófica. Em outras palavras, cristaliza-se na noção de que a ontologia começa e termina na Linguagem (acordos linguísticos e intersubjetivos) e em uma harmonia unidimensional, colocando o Trabalho (meio sóciometabólico de humanização) e sua proposta de Ser Social como um fracasso do marxismo a ser superado.

Antunes (2006) contextualiza a questão em uma crítica às teses que se postam contra a “centralidade no mundo do trabalho”, que a invalidam “quer pela afirmação da perda de sentido da teoria do valor, quer pela tese que propugna a substituição do valor-trabalho pela ciência” (ANTUNES, 2006, p. 10), ou mesmo que a invalidam “ainda pela vigência de uma lógica societal intersubjetiva e interativa, informacional, que se colocaria em posição analítica de superioridade diante da formulação marxiana da centralidade do trabalho e da teoria do valor” (ANTUNES, 2006, p. 10). Para o autor, a “centralidade do trabalho abstrato [é] que produz a não-centralidade do trabalho, presente na massa dos excluídos do trabalho vivo” (ANTUNES, 2006, p. 11).

O que vai ao encontro de Chauí (2014), quando diz que na modernidade burguesa é posto um mundo em que não se preocupa mais com a diferença entre “natureza” e “cultura”, a “subjetividade” se desgarrar da “objetividade” e desatre-la-se a “linguagem” do seu “sentido e interioridade” para vê-la como “construção, desconstrução e jogo” (CHAUÍ, 2014, p. 79-80), escondendo, em meio a isso, as contradições latentes e explícitas da sociabilidade burguesa.

Este movimento é antigo e histórico, pois chama atenção a uma tese aceita por marxistas de que as sociedades de classes (aqui burguesias e proletariados) são avessas às contradições e seu estudo, jogando as contradições como uma conclusão lógica a ser corrigida ou trivial, e não, ao invés disso, como a natureza movente de ser da realidade como coisa em si (Ser Social determinado e necessário), neste caso, da realidade burguesa, como propõe Konder (2008). O que, para Cirne-Lima (1993), a “silenciosa unanimidade em torno do princípio da não-contradição é, entretanto, mera aparência” (CIRNE-LIMA, 1933, p. 11).

Portanto, tende-se em algumas tradições da Linguagem na contemporaneidade tornar a própria realidade e o estudo da contradição algo a ser evitado, calado, fragmentado



e cautelado, características usuais que a descrição do conceito de “decadência ideológica” alerta da sociedade burguesa.

Diante disso, problematiza-se o seguinte: na modernidade burguesa a própria realidade é ou não é contraditória? A contradição existe só na Linguagem, no discurso, em jogos intersubjetivos, e na Lógica, nas proposições, inferências e operadores lógicos, ou existe na própria Realidade Social, na própria ontologia interna à coisa em si? Isto é, em termos lógico-analíticos, quem diz e, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, se desdiz, já se refutou a si mesmo e, no fundo, não disse nada? Ou dizer e, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, se desdizer, é o movimento interno da própria realidade e, no fundo, disse tudo? Ou em termos linguísticos, a contradição é um signo, um modo discurso, pouco importando se é ou não da própria coisa em si (do Ser que produz a linguagem)?

Giannotti (2010), perante isto, tem que as categorias do capital são determinações do pensamento, que, por ser uma sintaxe gramatical do capital, parte de uma descrição da linguagem das mercadorias, transformando os objetos de uso em expressão de valor e, depois, em signo, sendo aí a leitura de Marx pelas lentes de Wittgenstein. Portanto, esse debate transita a contradição entre uma questão da Linguagem, da Lógica e do Trabalho.

Para o autor, a partir das indicações do próprio Marx, é de que as categorias do capital são determinações do pensamento, coisas sensíveis e supra-sensíveis. Propõe o exame de como elas assumem um processo de expressão e uma “gramática do capital”, “como elas descreveriam uma espécie de “linguagem das mercadorias”, um discurso social objetivo, um jogo linguístico objetivo que, como discurso, manifestaria a contradição inscrita como expressão” (BENOIT, 2001, p. 149).

Consulta, para tanto, Wittgenstein. O ponto de partida wittgenstiniano do autor se estabelece na transformação de objetos de uso em expressão de valor e daí em signo, o empregando no conceito de “jogo de linguagem” (BENOIT, 2001, p. 149). Considera que os signos possuem sentido segundo a forma pela qual se articulam entre si e se ligam a certas atividades determinando padrões de comportamentos, induzindo modos de consciência e modos de discurso (BENOIT, 2001, p. 149). Contudo, tudo isso, precisaria ser interpretado a partir do funcionamento de “jogo de linguagem não verbal” (BENOIT, 2001, p. 149).

Em sua afinidade com Wittgenstein e outros (Kant, Hegel, Levi Strauss e Durkheim), o autor “liquida a contradição como real, passando rapidamente da filosofia grega ao idealismo alemão e, particularmente, a Hegel. Conclui assim que a contradição, sem a metafísica hegeliana, só é possível no discurso e pelo discurso” (BENOIT, 2001, p. 153). Isso porque, para Giannotti (2010), é impossível alcançar plenamente a objetividade no plano da idealidade. Pois, refutando a lógica hegeliana (expressividade no nível do conceito) e da assertiva marxista (antepor à lógica formal uma lógica de contradição), o autor recorre



aos supostos da Lógica de Wittgenstein, em que “Sem uma ampliação do conceito de expressão, acabaria caindo na besteira de imaginar que existe, de um lado, uma lógica formal e, de outro, uma lógica da contradição, e de achar que esta última consiste em ver os objetos como ao mesmo tempo iguais e contraditórios” (FILHO, 2005, p. 112).

De tudo, algo a se notar e uma provocação a pesquisa em andamento é que Kosik (1969) caminha semelhantemente na temática ao expor sobre a relação da ciência (Economia) e Filosofia na interpretação do “O Capital” em Marx. Levanta como uma das possíveis interpretações a serem feitas da obra, a de ser O Capital “[...] uma gramática aplicada, já que a expressão falada do conteúdo econômico é conduzida segundo determinadas regras de composição linguística, regras que também neste caso podem ser abstraídas do texto” (KOSIK, 1969, p. 145-146). Contudo, cabe pesquisar como Kosik (1969) observa a relação da lógica formal e lógica dialética, dando pistas sobre a contradição no mundo burguês.

## MÉTODO

A pesquisa se orienta a partir do método marxiano materialista histórico-dialético como modo de pesquisa social e meio cientificamente escolhido de sucessivas aproximações com a realidade social pela categoria “totalidade social concreta”, o qual se propõe investigar a unidade do “plano das singularidades”, do “plano das particularidades” e do “plano das universalidades”, em um movimento indissociável de “singularidades-particularidades-universalidades” pela categoria “totalidade social” (NETTO, 2009).

A dialética entre o universal e singular processa-se através da particularidade, que no dizer de Lukács é um campo de mediações. É neste campo de mediações que os fatos singulares se vitaliza com as grandes leis da universalidade, e a universalidade se embebe da realidade do singular. Ainda Lukács, elucida que “a dialética de universal e particular na sociedade tem uma função de grande monta: o particular representa aqui precisamente a expressão lógica das categorias de mediação entre os homens singulares e a sociedade” (Lukács, 1978: 92). (PONTES, s/d, p. 9-10)

Nesse sentido, para Netto (2011) os instrumentos e técnicas de pesquisas são inúmeros e variados, são os meios utilizados por aquele que pesquisa para apropriar-se intelectivamente do objeto pesquisado, “[...] mas não devem ser identificados com o método: instrumentos similares podem servir (e de fato servem), em escala variada, a concepções metodológicas diferentes” (NETTO, 2011, p. 10).



Ou seja, orientado por este método e dinâmica, tem-se como metodologia da pesquisa em andamento caráter essencialmente “bibliográfico”, definida como “[...] um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (MARCONI e LAKATOS, 2013, p. 158). Pela e na “teoria”, que se define, nesse sentido, segundo Netto (2009):

[...] o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. A teoria é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa. E esta reprodução (que constitui propriamente o conhecimento teórico) será tanto mais correta e verdadeira quanto mais fiel o sujeito for ao objeto (NETTO, 2009, p. 7)

Tais bibliografias são de três tipos: contextualizadoras, debatedoras e técnicas. Que, por sua vez, seguem a estrutura de exposição da pesquisa em andamento.

Primeiro, a contextualizadora, objetiva-se fichar e resenhar obras diversas que contextualizam de maneira crítica a contradição na contemporaneidade burguesa dentro das tradições Linguagem, Lógica e Trabalho. Depois do fichamento e da resenha, intercambiando os autores, pretende-se perfazer a análise qualitativa de todos os textos, mapeando significativos intelectuais que estudam a contradição, a fim de ter panoramas e fechar lacunas, sintetizando, por fim, já na escrita da dissertação. Tudo isso, já em andamento.

A partir disto, conjuntamente, amarrar as bibliografias de tipo debatedoras, que dialogam as diferentes tradições, tal como Giannotti (2010), que coloca Marx e Wittgenstein em diálogo sob uma perspectiva crítica, sendo preciso, portanto, estudar as literaturas clássicas em geral de Marx e Wittgenstein. Aqui, o movimento metodológico é de apropriação do debate, sistematização de dados e, depois, comentários críticos oportunos.

Por fim, as bibliografias de tipo técnica cumprem uma função metodológica de balizar e aprofundar a pesquisa, tal como de D’Ottaviano; Feitosa (2003) que apresentam detalhes técnicos de operadores lógicos importantes para compreender a contradição em uma dimensão histórica, por exemplo contradição e contraditoriedade. E, também, algumas literaturas de Benoit (1996) que trata da crítica a Giannotti (2010) e aprofunda a contradição na tradição da Linguagem, Lógica e Trabalho. Dentre tudo, as literaturas técnicas servirão para especificar a natureza da Linguagem, da Dialética e da Analítica, as lógicas clássicas e não-clássicas, pontos específicos dos debates e contextos e manutenções técnicas em geral de toda a dissertação.



Toda a pesquisa parte também de um caráter conjuntamente explorador, identificando conceitos, categorias e problemas sobre o problema central. Planeja-se com as bibliografias de tipo técnicas escrutinar a pesquisa, como um movimento de refinamento constante de balizas, revisões, correções e exatidões.

## **RESULTADOS PARCIAIS**

Dos resultados parciais, chega-se a alguns pontos de inflexões de significativa importância intelectual, tal como a inflexão da existência ou não da contradição na Realidade Social (no Ser em si) ao mesmo tempo que na Linguagem (entes linguísticos) e na Lógica (proposições e inferências).

Desde já, pode-se concluir que existem muitos pesquisadores trabalhando na questão com temáticas que se confluem e potencializam, tal como quando a contradição une Trabalho, Lógica e Linguagem em desvalida-la ou reconhecê-la ou desvalida-la e reconhecê-la ao mesmo tempo na Realidade Social. Assim como une propostas contemporâneas da Linguagem e do Trabalho, quando estas se atacam no que diz respeito ao Trabalho como fim de uma utopia a partir de lógicas comunicais e intersubjetivas descoladas de objetividades ontológicas.

Muitos pesquisadores renomados e internacionais, como Antunes (2006), da sociologia do trabalho, se dedicaram a esse problema tão multifacetado. Por isso, descobriu muitas teses (a contradição é diferente entre lógicos, linguistas e dialéticos histórico-materialistas), hipóteses (Hegel, um dos fundadores da modernidade, errou ao se referir a contradição, precisando dizer, na verdade, contraditoriedade), análises (a contradição em Marx e Wittgenstein) e polêmicas (não é o fim da sociedade do Trabalho e da contradição na própria coisa em si, isso é uma tese eurocêntrica de Linguistas) de diferentes tradições filosóficas e ciências a serem dialogadas. Assim como descobriu muitas condições lógicas (Necessidade e Contingência) e princípios (Princípio da Contradição como Movimento da Realidade e Princípio da Não-Contradição) a serem tecnicamente estudados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acumula-se um contexto histórico significativo que une Antigos, Modernos e Contemporâneos de uma maneira amarrada, a qual apresenta mediações a partir de bibliografias contextualizadoras que trazem teses que solidificam tal liga histórica ao mesmo tempo que traz bibliografias debatedoras, que apresentam disputas de tradições teóricas até os dias de hoje.



Cerra-se, assim, polêmicas, pontos de inflexão e apontamentos a serem aprofundados.

Com o método proposto, pretende-se fichar, resenhar, intercambiar as resenhas e escrever o texto da dissertação com diálogos, sínteses e comentários críticos.

Giannotti (2010), nesse sentido, é especial, pois reúne Marx e Wittgenstein, dois intelectuais que sintetizam grandes tradições filosóficas, por mais que divergentes em muitos pontos.

O de mais relevante na pesquisa acaba sendo três pontos: 1. seu caráter multifacetado, 2. sua discussão ampla e por pesquisadores que levam o nome do Brasil ao mundo e 3. a atualidade do problema, que coloca Trabalho, Lógica e Linguagem em diálogo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

ARISTÓTELES. **Metaphysics**. Trad. W. D. Ross, revisada por J. Barnes. Princeton: Princeton University Press, 1984.

BENOIT, Alcides Hector Rodriguez. **Sobre a crítica (dialética) de O capital**. Crítica Marxista, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.14-44.

CHAUÍ, Marilena. **A ideologia da competência**. Org. André Rocha. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Um convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CIRNE-LIMA, Carlos Roberto Velho. **Sobre a Contradição**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 1993.

D'OTTAVIANO, Ítala Maria Loffredo; FEITOSA, Hércules de Araújo. **Sobre a história da lógica, a lógica clássica e o surgimento das lógicas não-clássicas**. Rio Claro-SP: UNESP, 2003.

FILHO, Abílio Rodrigues. **Uma breve história das contradições: de Aristóteles à paraconsistência**. Nuntius Antiquus, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 241-262, 2017.

GIANNOTTI, Arthur. **Certa herança marxista**. [versão online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.



LÚKÁCS, Gyorgy. **Marx e o problema da decadência ideológica**. Instituto Lukács, 2015. Disponível em: <https://www.institutolukacs.com.br/single-post/2016-1-13-anu%C3%A1rio-luk%C3%A1cs-2015>. Acesso em: 20 abr 2022.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PONTES, Reinaldo. **A categoria mediação em face do processo de intervenção do Serviço Social**. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/rafaela.ribeiro/instrumentos-e-tecnicas-de-intervencao/pontes-r-mediacao-e-servico-social>>. Acesso em: 26 jun 2021.